

José Eduardo Agualusa

# A Feira dos Assombrados

E outras estórias verdadeiras e inverosímeis



QUETZAL Obras de José Eduardo Agualusa

# A FEIRA DOS ASSOMBRADOS

## A Feira dos Assombrados



O PRIMEIRO CORPO QUE O RIO TROUXE ainda nos pareceu humano. Tinha as partes todas de que somos compostos, a pele lisa e sem escamas, como a nossa, e os enormes olhos abertos guardavam até um resto de luz e de calor. Mussoco tinha-o descoberto, dizia ele, preso aos canaviais da margem direita, rio acima, já muito perto de Calulo. Lembro-me de que foi a 31 de janeiro, pois o levámos para a casa do capitão Galho (era a mais próxima) e o jovem degredado recebeu-nos à porta, num sólido e frio mutismo de mármore. Como sempre, no aniversário da sua desgraça, trazia vestido o uniforme de gala e o peito refulgia com o esplendor das medalhas. Após uma larga hesitação fez sinal para que entrássemos e ele próprio tratou de ir buscar uma esteira onde estendemos o morto. O padre chegou nessa altura, ainda compondo a batina e resfolegando como um cavalo-marinho. Vinha afogado em suor, vacilante e desgrenhado, maldizendo alto a inclemência do sol. Ao ver o capitão deteve-se com uma expressão de sincero desgosto:

— Virgem Santíssima! — exclamou. — Tinha-me esquecido de que hoje é 31 de janeiro.

Lentamente tirou do bolso um grande lenço de algodão e pôs-se a enxugar a fronte. Era, possivelmente, o único padre republicano — e bolchevista! — que havia no mundo. Só nos atrevemos a sair com o nosso morto, para o levar à igreja, depois que o sol começou a enfraquecer e o ar se encheu do canto ansioso das cigarras. Cá fora aguardava-nos o inevitável cortejo de carpideiras, «velhas senhoras industriadas», como gostava de repetir Quipangala, «no muito antigo e piedoso ofício de prantear a dor alheia».

Nessa mesma noite batizámos o estranho com o nome de Lázaro, rezámos por sua alma uma missa breve e ao entardecer do dia seguinte levámo-lo a enterrar com festiva pompa e circunstância. A banda do carpinteiro Brito acompanhou o féretro à frente de toda a população da vila, tocando para o conforto geral as severas mas agradáveis marchas do costume.

Fez o elogio do morto o velho Quipangala, conhecido aquém e além-matos pelo fulgor do seu verbo, pela côncava voz de catástrofe e pela solenidade que punha em tudo quanto dizia, ainda que nada de extraordinário tivesse para dizer. Para o agrado de Deus Nosso Senhor e perpétuo logro de Satanás, o Maldito, criou para Lázaro uma vida nova em folha, pródiga em devoções e em virtudes. Alongou-se em metáforas de inusitado brilho, falando do defunto como de um amigo de infância, recordando-nos a sua

meninice ingênua, o mancebo grave e belo que ele havia sido. Ouvindo-o falar chorámos com ele lágrimas autênticas, já Lázaro se fazia parente de todos, já com a sua morte se extinguia irremissivelmente algo de nós.

Estávamos nisto quando principiou a crescer do rio um grande rumor de vozes. Ninguém se voltou ou desfez a compostura. Em breve, porém, o alarido se tornou mais forte que a poderosa voz do orador e logo se fez tão claro que antes mesmo de vermos surgir os primeiros homens (eram serviçais que trabalhavam na construção da ponte) já todos tínhamos compreendido do que se tratava.

Dessa vez o rio trouxera um cadáver de ossos acanhados, que podia ser de uma criança ou de uma mulher. Porém, este tinha já qualquer coisa de insensato: perdera quase inteiramente a cor, e o rosto (porque demasiado inchado) não apresentava formas. A essa chamámos Ofélia e repetimos com ela o que fizéramos a Lázaro. Todavia a missa foi pobre e às exéquias faltou o lustro habitual. Quipangala tinha bebido em excesso e parecia um funâmbulo tentando a custo equilibrar-se nas altas pernas de garça. Ao invés do esperado elogio da morta quis produzir uma espécie de terna alegoria sobre a beleza da mulher, mas depressa se tornou evidente que falava não da infeliz Ofélia, triste e desconjuntada na sua gaiolazinha de tábuas, e sim da jovem e exuberante esposa do

chefe do concelho, Angelina Santoni, por quem alimentava desde há anos uma pública paixão de adolescente.

Nessa noite reuni-me com o pároco para a nossa habitual partida de xadrez. Jogámos muito tempo em completo silêncio, até que o sino da Igreja Nova bateu duas redondas badaladas. Então o padre levantou o rosto negro, mais negro ainda nessa noite, e traduziu devagar a inquietação que desde a madrugada do dia anterior importunava a vila inteira:

— Não há dois sem três — disse. — Ou me engano muito ou o nosso amigo Brito vai este mês fazer mais dinheiro.

## Uma chuva melancólica

QUANDO ACORDEI CAÍA SOBRE O DONDO UMA CHUVA branca e melancólica. Fui-me deitar de novo, à espera de que a chuva passasse, mas o clamor das águas não serenou nesse dia e nem no outro e nem sequer no seguinte. O Quanza, de tão gordo, tinha galgado as margens e corria sobre os campos de milho e mas-sambala. A minha casa era já quase um cais. Ou teria sido a tempestade que arrastara a vila, com todas as suas casas e muros e quintais, e mais os morros, e ainda a profunda escuridão dos bosques, para junto do rio?

Há muitos anos chovera assim, ininterruptamente e durante mais de duas semanas, até que a natureza se começou a desagregar, o tempo perdeu o sentido e as noites e os dias se desprenderam do céu e se confundiram numa mesma bruma de sonhos. Durante esse interminável caos de sombras fiquei à janela, vendo girar diante de mim um cortejo de prodígios, e eram árvores inteiras e carcaças de mastodontes de outras eras e as larvas gigantes que se

escondem no ventre da terra. E vi passar, levitando sobre uma corrente de lama e de lodo, o velho sapalalo de Correia Balduino e muito me admirei porque seguia intacto, com o cristal das janelas iluminado pela luz dos relâmpagos, as largas varandas cobertas de estorvos palúdicos e a mortal serenidade de um navio fantasma. Desvairados por esta aparência de fim-do-mundo, jacarés e hipopótamos subiram o rio e atacaram o povoado, rompendo as paliçadas que protegiam os currais, investindo contra as habitações mais frágeis e perseguindo desordenadamente homens e bichos.

O sapateiro, nunca me esquecerei!, chegou no meio deste desastre. Entrou na feira pelo lado oriental, atravessou a praça sem cumprimentar ninguém e foi-se sentar entre os destroços, confundindo-se com eles. Ficou sentado muito tempo, absorto, como se estivesse contemplando o próprio sangue a correr nas veias.

— Parece cego — estranhou Quipangala —, um raio de um cego!...

O major, porém, adivinhou nele esse íntimo de-sassossego que é a marca fatal de todos os vedores:

— Ao contrário — disse —, ao pé desse homem os cegos somos nós. Ele é capaz de ver com o corpo todo.

E era verdade. João Maria Vieira de Carvalho, assim se chamava o viajero, vivia atormentado com a intensidade dos seus cinco sentidos. Perseguiu-o o

fundo rumor das águas; ele as via, caminhando escuras, muitos metros debaixo dos seus pés; ele as ouvia, dançando a rebita, lá, em Calulo, onde veio a levantar a sua casa. Dizia-se sapateiro mas poucas vezes o vi a consertar sapatos. Em contrapartida exercia os seus dotes de vedor a contragosto mas com uma tal prodigalidade que durante os nove anos que aqui viveu se abriram mais poços que nos noventa anteriores. Feiticeiro? Corria que também. Havia ainda nele outros mistérios: mulato quase branco, poderia ser filho de Luanda ou de Benguela, mas até isso nunca se chegou a saber. O pouco que falava era exterior a ele. Nada adiantava sobre os seus próprios rumos, de qual praia se lançara ao mundo. Calado, murmuroso, onde quer que chegasse parecia que a noite chegava também e por isso lhe deram o nome de Cacoco, o mocho, ave de sombras e agouros. Bêbado, muito bebido, crescia-lhe a voz em súbitas revelações. Dizia que as almas do Purgatório estão aprisionadas dentro de esferas de vidro; falava, com fervor, na transmutação dos metais. Vaticinava desgraças e prodígios.

Um dia apareceu na loja dos três Bentos com um ovo azul, de um brilho celestial, e mostrando-o a toda a gente explicou que era um ovo de anjo:

— Verdade puríssima! — jurou —, ou eu caia morto à vista de Deus.

Acrescentou que os anjos não têm asas feitas de penas, e sim que elas são glabras e transparentes, à

semelhança das asas das moscas comuns. Estas conversas, ainda que raras, indispunham contra o sapateiro os mais beatos. Outros havia, ao contrário, que se divertiam com elas. Correia Balduino, por exemplo, que depois de velho se convertera em ateu. O comerciante torcia-se de riso cada vez que João Maria entrava bêbado na vila, levantando a voz em novas blasfêmias.

Talvez por castigo de Deus acabou Balduino vítima dos risos do povo. Uma tarde foram-lhe dizer que a sua filha caçula, a bela Marianinha, fora vista fazendo namoros com o supradito sapateiro. Balduino enlouqueceu de raiva. Juntou quinze criados e foi a Calulo com a intenção de rebentar o sedutor. João Maria, porém, tinha partido para Pungo Andongo, naquele ofício de pescador de águas, e foi essa ausência que o salvou. Quando Balduino, ainda resfolegando ameaças, retornou a casa, a mulher esperava-o à porta com a desgraça na boca: quisesse Deus que não tivesse morto o cabrito. Marianinha estava em estado grave, melhor, grávido. O que havia a fazer agora, e depressa, era matrimoniá-los dois, Mariana contra João Maria e vice-versa. A Balduino, coitado, não restou outra coisa senão engolir o orgulho e deixar que tudo se fizesse como dizia a mulher.

## O pesadelo

ISTO ACONTECEU FAZ MUITOS ANOS. Mas umas coisas sempre puxam a memória de outras e hoje quando me lembro daquela grande tempestade lembro-me logo de João Maria e quando me lembro dos afogados lembro-me da outra tempestade: o amanhecer do primeiro dia depois que a chuva serenou pôs a descoberto, boiando nas águas grossas do Quanza, um novo cadáver. Verdadeiramente, foi com este que começou a nossa desgraça. Levado à presença do padre, o santo homem encarou-o primeiro com espanto e depois com autêntico e profundo horror:

— Deus me perdoe! — exclamou —, semelhante criatura não pode ser humana.

Os que vieram depois (e só nesse dia apareceram mais cinco) agravaram até aos limites do insuportável esta suspeita geral: eram cada vez mais desaparentados de nós. Pareciam trazidos de muito longe; de um país ignoto, de uma era perdida, de um confuso e obscuro pesadelo.

## Por detrás do balcão da minha loja

O DONDO É HOJE APENAS UM SUFOCANTE MORREDOURO de velhos, um lugar sem paradeiro no mundo, onde apenas arribam multívagos, quifumbes, homens sem nome, sem rosto e sem destino. Mas não foi sempre assim. Ainda que vos pareça inverosímil (na verdade até a nós parece) houve um tempo em que aqui, nesta terra quente e áspera, todos os dias eram um perpétuo domingo.

Por detrás do balcão da minha loja eu via chegar as caravanas, quibucas que vinham de todos os sertões, carregadas de assombro e de poeiras: vinham chegando em compridas e fatigadas filas e o seu lento chegar demorava tempos.

...

E tempos.

...

Cada homem com o seu mutete às costas. Tra-  
ziam quitos de azeite de palma, borracha em bolas,  
pequenos pães de cera muito bem embrulhados em  
folhas de bananeira. Traziam de Ambaca o couro e a

ginguba; traziam café do Cazengo e de São José do Encoge; do Golungo Alto traziam tabaco, arroz e algodão. Aguardente, aqueles que vinham de Malange, farinha de mandioca os que chegavam dos Dembos. A abrir e a fechar a marcha das colunas seguiam adolescentes agitando compridos estandartes de panos coloridos, ao mesmo tempo que outros faziam soar um tumulto de chocalhos e de guizos, tudo destinado a afugentar as feras.

Chegavam e espalhavam-se pelas ruas, a permutar os seus artigos com comerciantes da vila, a beber e a jogar, a cantar e a dançar. E quanto mais cantavam e dançavam mais fortes se punham, de tal sorte que se dizia ser aquela a forma que tinham de recuperar forças.

Também o rio nos trazia muitos visitantes. Duas vezes por semana o vapor tocava o cais para desembarcar pequenos grupos heterogêneos de fubeiros, degredados, putas, militares e missionários. Os mesmos barcos traziam da capital jornais e correio, além do sal, panos e bijuterias, armas de fogo e outros géneros usados no sertão como moeda de troca com o gentio.

A todos eu via chegar, sempre por detrás do balcão da minha loja, e pelo formato do rosto, pelos penteados ou pelas tatuagens sabia logo a que nação pertenciam e se vinham do Ocidente ou do Oriente, das verdes florestas do Norte ou dos brancos sertões do Sul.

Naqueles dias eu tinha um futuro: via-me rico e próspero nestes tempos de hoje, onde afinal sou pobre. Via a grande casa que havia de ter, com varandas protegidas do sol por luandos coloridos, as paredes ornadas de buganvílias púrpuras e um largo quintalão onde eu poderia criar galinhas e plantar, com estas minhas mãos grandes e ásperas, acácias e mangueiras, goiabeiras, tamarineiros e a sombra ondulante de palmeiras várias.

A árvore da água prometia muito, mas quando chegou a seca faltou com a água. A Morte mentiu à Vida. Não é o homem que faz os seus caminhos, eles é que fazem o homem. Nós acreditámos que o Dondo fosse eterno. Depois que proibiram o comércio de escravos muitas vezes se levantaram anunciando a morte da Feira. E todavia a Feira não morreu. Em vez de homens passámos a comerciar novos produtos agrícolas, como o café e o algodão, e fizemos crescer a venda do marfim, da cera e da borracha, e com isso voltámos a prosperar. Mas então o comboio veio, de um futuro que nunca foi o nosso, e em 1889 alcançou as margens do Lucala, desviando o comércio muitos quilómetros para norte, apartando o Dondo do resto do mundo e afogando-nos no grande lago morto do esquecimento.

Os ratos não tardaram a fugir, transferindo-se para norte, com as suas veneradas doenças de ofício, as suas balanças viciadas, as suas quinquilharias baratas, o seu vinho triste, os seus ferros de educar gentio.

E por ratos quero dizer os comerciantes portugueses, quase todos antigos degredados, a medrosa cáfila dos pequenos artífices e ainda as inevitáveis putas, ávidas aves que vêm e que voam. Todos se foram. Todos menos nós: os filhos do Dondo; os mais velhos; os demasiado cansados para recomeçar tudo de novo. E sobretudo nós, que alimentámos esta terra com o nosso próprio sangue, com o nosso suor e com o nosso sêmen e que conhecemos pelo nome cada curva dos caminhos e pelo sobrenome as árvores e as pedras, os pássaros do céu e os peixes do rio.